

# Paraíso incandescente

O altiplano, a ausência de obstáculos, a seca prolongada e a pouca poluição fazem com que a cidade fique mais luminosa

● ● ● Foi a claridade ímpar, numa cidade plana, sem montanhas no horizonte e livre de amontoados de arranha-céus, que fez o menino pobre virar pintor autodidata. Deixou-se levar pela profusão das cores da terra, do céu e do cerrado. “Retrato essa luz aberta de Brasília. É a luz do céu, do pôr-do-sol e do cerrado”, explica Gersion de Castro, 35 anos, artista plástico que usa o pincel e as tintas para colocar na tela a memória das antigas vilas que nasceram da construção da barragem do Paranoá. O chão que circunda as casas de madeira tem a cor forte da terra. O céu que irradia luz intensa favorece o dia sacrificado das famílias que migraram para o acampamento depois que os engenheiros e a maioria dos operários se foram.

São crianças a correr, brincando de bola, de pipa. São mulheres a carregar latas para encher no caminhão-pipa parado perto dali. É manhã de domingo, e o padre reza do lado de fora da igreja. O povo tem fé em dias melhores. A pintura de Gersion resgata a vida no acampamento na década de 80. Dos antigos barracos e de outros que surgiram até 1989 só sobraram as lembranças que o artista pinta. Resquício daqueles tempos só a igreja de São Geraldo, tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal em 1993. De tábuas corroídas pelo tempo e pelo abandono, o monumento resiste, à espera de que um dia venha a restauração.

De uma luz tão intensa, o cineasta faz versos e o escritor uma metáfora com a história. “Brasília, claro enigma/de luz/incandescente,/batendo na lente!”, declama Wladimir Carvalho, cineasta radicado em Brasília e reconhecido nacionalmente por filmes, como *Conterrâneos Velhos de Guerra*. O poeta brasileiro Anderson Braga Horta diz que poesia é esse encontro da “cidade clara, de amplitude de céu e luminosa, com a abertura do Brasil para o futuro, incorporando-o definitivamente a seus territórios interiores”.

Wladimir lembra que, antes de nascer, Brasília já era filmada. Fotógrafos cinematográficos, segundo ele, vinham acompanhar as visitas de Juscelino e, quando voltavam para as suas cidades, tinham surpresa desagradável por conta da superexposição das pessoas e dos objetos à luz. Um problema facilmente resolvido com o uso de filtros que eliminam o efeito da luminosidade. “Mas, ao mesmo tempo, começaram a fazer as composições poéticas dos raios em contraluz. O que seria uma limitação virou uma opção estética e poética. Afinal, sem luz não há ima-

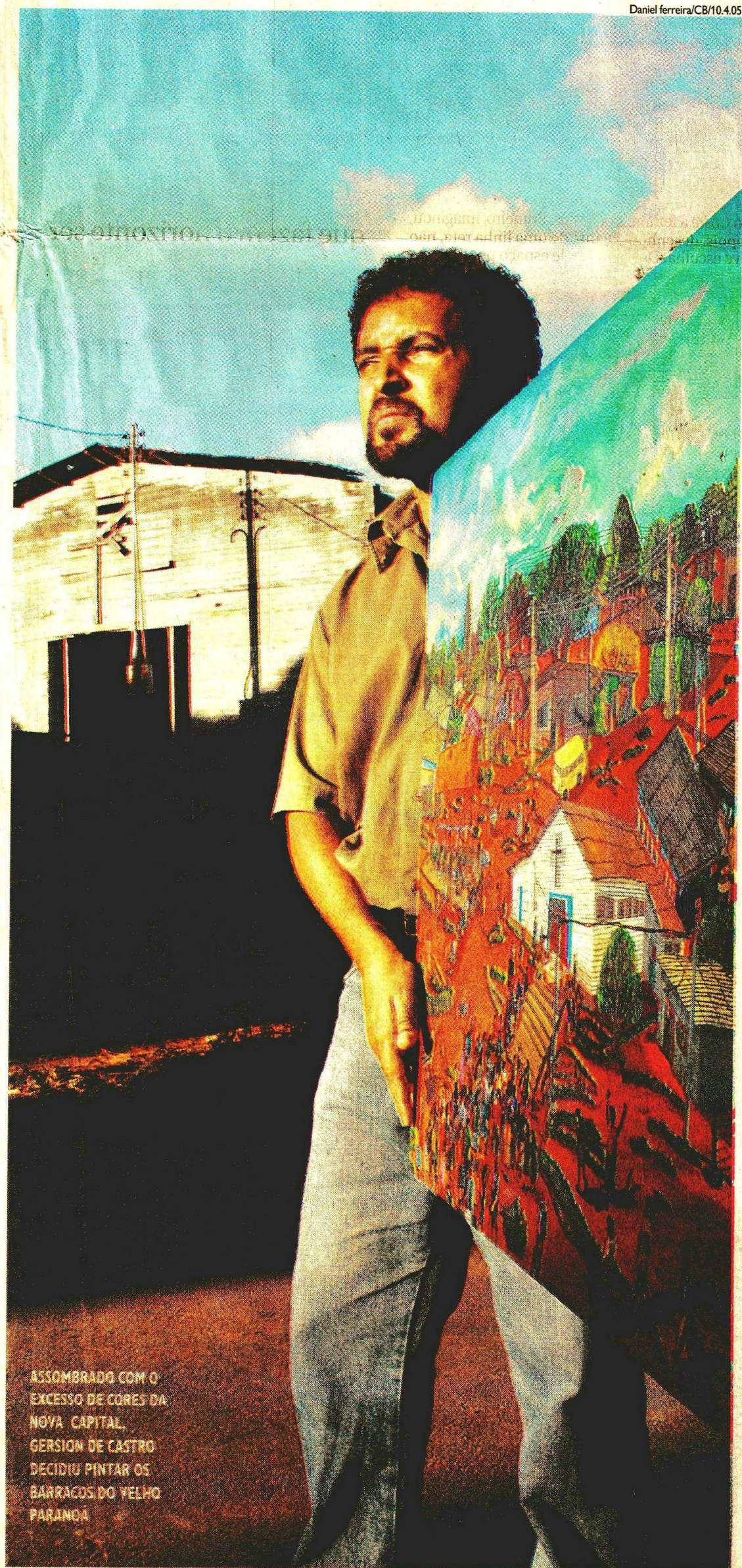
gem. Ela funciona como um pincel”, diz o documentarista.

O artista plástico Milton Ribeiro, 82 anos, pinta o Plano Piloto desde 1967. “Quando cheguei aqui, minha obra ficou toda diferente. A cor ficou mais definida. Essa claridade toda influenciou minha pintura, que ficou mais colorida”, conta o carioca, que morou no Rio de Janeiro por 50 anos. “No Rio tem mais sombra, mais nuvens. Não tem essa luminosidade de céu aberto.”

O brasileiro tem uma relação muito intensa com a luz, segundo Peter Gasper, responsável pela iluminação artificial da Esplanada dos Ministérios e do Palácio da Alvorada. “Ele se sente bem psicologicamente com isso. Por isso, prédios públicos e monumentos têm de estar sempre muito bem iluminados. É muito diferente de Londres ou Nova York, onde qualquer luzinha é uma festa”.

Apesar de Brasília exibir uma claridade intensa, a física Fernanda São Sabbas, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), diz que não há maior irradiação sobre o Planalto Central. O que acontece por aqui é um período de seca longa, com pouca formação de nuvens de chuva, que oferece dias claros, bonitos e luminosos em boa parte do ano. “Também não há grandes montanhas. Enxerga-se o céu em qualquer lugar, e isso dá a impressão de mais luz”, explica José Leonardo Ferreira, professor do Instituto de Física da UnB. Na época da seca, as partículas de poeira dissipam a luz e o efeito é um pôr-de-sol majestoso, que encanta o brasileiro e quem visita a cidade. “Essas partículas de poeira ao espalhar os raios de sol fazem com que a gente perceba mais tons de vermelho, laranja e amarelo”, explica Fernanda.

O arquiteto Cláudio Villar Queiroz, 57 anos, também se encanta com a luz que o fotógrafo Luís Humberto, 70 anos, ex-professor de Análise da Imagem e Fotojornalismo da Universidade de Brasília (UnB) descreve como “intensa, sem grandes obstáculos e que modela muito bem o objeto”. Apaixonado pela Brasília de Lucio Costa e pelo local escolhido para construí-la, o professor de Projetos de Arquitetura e Urbanismo da UnB admira os raios de sol que parecem passar por entre os galhos das árvores e dos pilotis dos prédios a cada amanhecer e fim de tarde. “É um fenômeno cotidiano, quase surreal, essa iluminação horizontal sobre a cidade. É como se o sol nascesse do solo”.



ASSOMBRADO COM O EXCESSO DE CORES DA NOVA CAPITAL, GERSON DE CASTRO DECIDIU PINTAR OS BARRACOS DO VELHO PARANOÁ